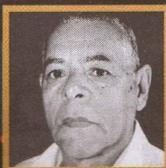


PIONEIROS

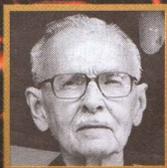
Histórias de quem fez Brasília

Mesmo antes de nascer, Brasília significava a chance de desenvolvimento pessoal e profissional para muitos de seus futuros fundadores e construtores. O caminho para o Planalto Central foi trilhado pelo espírito aventureiro e pela vontade de progresso da maioria dos que para cá vieram. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, a lembrança dos primeiros moradores da cidade nos permite viver este sentimento.

**Adilson
Tinoco**



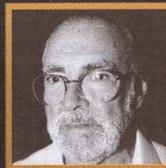
**Doryval B.
de Souza**



**Herilda
Balduino**



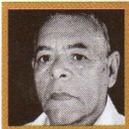
**José Maria
Duarte**



**Olga A.
Abrahão**



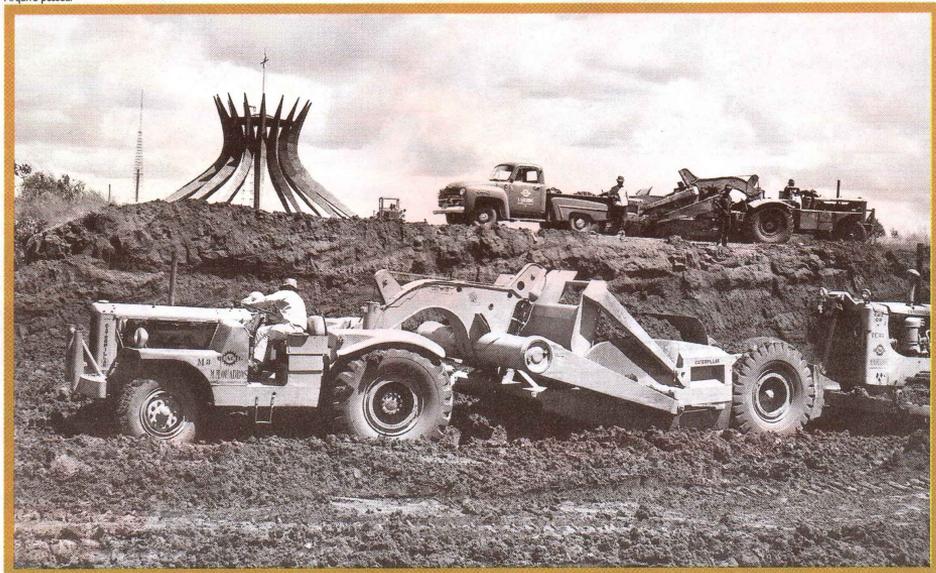
PIONEIROS



Adilson Tinoco

Ajuda para manter as máquinas funcionando nas obras da capital

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Brasília era apenas uma promessa de Juscelino e uns rabiscos na prancheta de técnicos e engenheiros quando o mecânico Adilson Tinoco aqui chegou. A eficiência no trabalho como aprendiz de mecânico no Rio de Janeiro o levou a receber um convite para trabalhar na construção da futura capital. Muito dedicado em seus afazeres, ele recebeu o convite como um elogio e ao mesmo tempo como um grande desafio.

Em 1º de julho de 1957, o pioneiro desembarcava em uma caminhonete Dodge no “faroeste” do Núcleo Bandeirante ao lado do colega e chefe João Ventura, da MM Quadros — construtora responsável por grande parte das obras de Brasília. A viagem de quatro dias do Rio de Janeiro ao Planalto foi cansativa, mas a paisagem diferente e cheia de surpresas agradou aqueles olhos, até então acostumados com a paisagem carioca. “Saímos do Rio, passamos por Araras (SP), depois seguimos por Uberlândia, Goiânia, Anápolis e Brasília”, lembra Adilson, que se encantou com a quantidade de fazendas e a religiosidade da Ci-

dade Eclética, próxima a Águas Lindas, onde “viviam uns frades capuchinhos”.

Diante da paisagem desoladora da Cidade Livre, os visitantes se mostraram encabulados com o que viram. “Rapaz, onde foi que nós viemos parar”, repete com exatidão as palavras do colega. Ainda meio inconformados com o local, os dois, logo no outro dia cedo, foram comprar sabonetes e pasta de dente e aproveitar para conhecer melhor a cidade. “As mercadorias

ficavam expostas nos bancos das calçadas em meio àquela poeira toda”, lembra. Para driblar a poeira e se proteger do sol escaldante, o jeito era calçar as botas e vestir um macacão sem esquecer do chapéu.

Os primeiros trabalhos

Mal teve tempo de se acomodar e o mecânico foi chamado para fazer o reparo da TD 18 — um trator de esteira — que acabou quebrando por excesso de uso nos trabalhos de contenção da

água da barragem do Torto. “A máquina estava trabalhando há mais de trezentas horas quase ininterruptas”, conta o pioneiro. Era comum o desgaste mecânico dos tratores e a fundição dos motores por causa do funcionamento excessivo.

Além da barragem, Adilson prestou inúmeros serviços pela cidade agora sob os olhares apressados dos engenheiros que costumavam fiscalizar as obras. “Quando Juscelino não ia, mandava Israel Pinheiro ou o

o SERVIÇO DE TERRAPLANAGEM DE DENTRO E FORA DA CATEDRAL FICOU A CARGO DE ADILSON

Dr. Getúlio fazer a vistoria.”

A compra de máquinas mais modernas — TW 10 e o TW 15 — o permitiu rasgar o cerrado e dar início à construção da barragem Saia Velha. O pioneiro ficou responsável pelo desmatamento da

PIONEIROS

O pioneiro chegou a Brasília em 1957 para fazer os reparos necessários nas máquinas que construíam a nova capital. Hoje é proprietário de uma empresa de construção e terraplanagem

região e pelo preparo do terreno. Os serviços de terraplanagem de dentro e fora da Catedral Metropolitana, do Ginásio de Esportes, do trevo no Eixão, da ligação da W3 Sul e Norte e da Rodoviária também ficaram a cargo de Adilson. Além disso, a urbanização da 104 Norte teve a participação e o esforço deste pioneiro.

Até o almoço dos operários ele cuidava de levar. O jipe com tração nas quatro rodas, na época das chuvas, garantia a refeição quentinha. Sentado ao lado dos companheiros e com o olhar no horizonte, ele se perguntava: "Será que um dia vamos ver isso tudo aqui funcionando?" Como muitos daquela época, ele também se mostrava um pouco cético quanto à transferência da capital.

A resposta veio em pouco tempo. No dia da inauguração, Juscelino Kubitschek ordenou que todos os tratores, máquinas utilizadas na construção e os veículos desfilassem do balão do aeroporto ao Eixão, onde estava o palanque do presidente. "Foi uma emoção muito grande ver todos os soldados desfilando e saudando a todos", lembra emocionado o candango. O sonho de Juscelino se realizava. A partir daquele dia a cidade não parou mais de crescer.

Outra lembrança viva na memória do pioneiro traz de volta a solidão e a dificuldade de transporte naquela época. Foi durante a inauguração da Rádio Nacional. O show de Luiz Gonzaga, Vanderlei Matos e do locutor Sérgio Dias varou a noite e deixou Adilson a pé. Ele foi da W3 Sul até o acampamento na Candangolândia (próximo ao balão do aeroporto), onde morava, ca-



JÁ CASADO COM ILMÁ, ADILSON SE MUDOU PARA O GUARÁ E FORMOU FAMÍLIA

“**FOI UMA EMOÇÃO MUITO GRANDE VER TODOS OS SOLDADOS DESFILANDO E SAUDANDO A TODOS NO DIA DA INAUGURAÇÃO DA NOVA CAPITAL**”

minhando sozinho em plena madrugada. "Levei quase duas horas para chegar em casa. Eu e Deus", garante o desbravador.

As dificuldades eram tantas que, para fazer os pedidos das peças de reposição das máquinas, o mecânico tinha de se deslocar até o aeroporto para

pedir uma ligação para o Rio. "A telefonista de plantão era quem fazia a ligação". O aparelho, daqueles de alavanca, era o único que existia até então, por isso, era bastante disputado. Dias depois as peças chegavam de avião e o trabalho era retomado. "Trabalhávamos de sete da manhã às dez da noite e quando estragavam, a gente virava a noite", conta.

O futebol da folga

A solidariedade dos moradores, a pelada no domingo — ele sempre jogava futebol com os amigos — e o calor humano são lembranças boas, que ele sempre faz questão de contar. As partidas do Botafogo e do Santos ficaram guardadas em sua memória. "Eu vi, de pertinho, o Garrincha com aquelas pernas tortas, o Pelé, o Didi e o Nilton Santos também", conta o zagueiro, que sempre ganhava ingressos para assistir às partidas. Como havia pouca diversão na cidade, os campos de futebol viviam cheios. Mulheres, então, eram raridades. "Quando che-

gava uma mulher lá no Núcleo Bandeirante todos puxavam conversa com ela", lembra.

O estilo de vida simples era observado principalmente na rusticidade dos alojamentos. Segundo conta o pioneiro, os primeiros acampamentos eram todos construídos de lona. Aos poucos, o material deu lugar à madeira, que trouxe mais conforto e segurança aos moradores.

Foi em uma casa simples, de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, que Adilson morou assim que chegou a Brasília. O piso "vermelhão" era um luxo e, quando encerado, se contrastava com a palidez do cerrado.

Depois do casamento com Ilma, a família cresceu e o morador do "Candanga" se mudou para o Guará, onde vive até hoje. E pelo visto, de Brasília ele não sai nunca mais. As lágrimas que escorrem dos olhos do pioneiro quando fala sobre Brasília traduzem com exatidão seu amor por tudo isso aqui. "Não tenho nem palavras para expressar o que sinto por Brasília", afirma o empresário.

Raio X

Nome: Adilson Tinoco
Idade: 64 anos (ele chegou a Brasília com apenas 18 anos de idade)
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Empresário (proprietário da Quacil Construções e Terraplanagem)
Esposa: Ilma da Conceição Melo Tinoco
Filhos: Andréia, Carla, Fernanda e Bruno

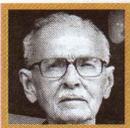


Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiaviccini, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

PIONEIROS



Doryval Borges de Souza

Luta para erradicar o analfabetismo no DF

Arquivo Público

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Nascido em Jequié, cidade plantada em meio à caatinga, no sudoeste baiano, Doryval Borges de Souza morou um bom tempo em Belo Horizonte, onde estudou, e quatro anos em Salvador, mas quis o destino que se fixasse mesmo na nova capital. Naquele tempo, onde quer que estivesse, o ex-comerciante e fazendeiro ouvia com atenção a promessa de Juscelino Kubitschek de construir uma capital bem no centro do país. “É para lá que nós vamos”, falava à esposa, Dulce.

Em dezembro de 1960 ele já estava de malas prontas para embarcar para o cerrado. Nas mobílias, todas embaladas em caixas de papelão, foi escrita, com pincel, a palavra “Brasília” para que chegassem ao destino certo. O pedido de transferência de Doryval, então gerente do Banco Nacional, foi aceito sem maiores problemas. O banco providenciou tudo, até o avião, para fazer a mudança. A bordo de um C46 — Curtis Comander, o bancário desembarcava na recém-inaugurada Brasília pronto para uma vida nova.

A cidade já havia sido entregue aos candangos, mas ainda havia muito por fazer. Ele trabalhava de manhã, de tarde e aos sábados até o meio-dia. A agência funcionava na 309 Sul — era a única do Banco Nacional em Brasília, a outra ficava no Nú-

cleo Bandeirante. Depois de morar um bom tempo no Hotel Imperial, no Setor Hoteleiro Sul, o pioneiro se mudou para a Fundação da Casa Popular — na W3. Só naquele ano Doryval pôde trazer a família, que até então estava em Salvador. “Imagine que numa casa de dois quartos moravam nove pessoas”, contabiliza, se referindo à esposa, ele, e aos sete filhos, nascidos na Bahia. O desconforto só foi resolvido com a construção de uma casa maior, na 705 Sul, a pedido do banco.

A cidade, apesar de não ofere-

cer ainda uma infra-estrutura adequada, surpreendia o pioneiro. “A grandiosidade do projeto da nova capital me impressionava. Ainda mais para mim, que saí da histórica Salvador e das ruas estreitas de Belo Horizonte, para as largas avenidas daqui. A arquitetura moderna da cidade me encantava”, declara o sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

As dificuldades podiam existir, mas passavam despercebidas pelo morador. “Havia muita solidariedade entre os candangos naquela época, e nós viemos com

tanta esperança que supríamos todas as dificuldades.”

Alfabetização

A vontade de melhorar a qualidade de vida dos operários e dos analfabetos levou Doryval a percorrer todos os cantos da cidade para promover uma verdadeira revolução nas salas de aula. Foi por meio do Movimento Brasileiro de Alfabetização — o Mobral — que o baiano abraçou a causa “sem nenhuma retribuição”. O sonho de erradicar o analfabetismo estava cada vez mais próximo quando, a pedido do governador



À FRENTE DO MOBRAL-DF, DORYVAL FOI O RESPONSÁVEL PELA ERRADICAÇÃO DO ANALFABETISMO NA CAPITAL. NA FOTO, DURANTE ENTREGA DE DIPLOMAS

Hélio Prates, o baiano foi eleito presidente do movimento. “O governador pediu que a sociedade indicasse três nomes para o cargo. Fomos nós três (o pioneiro, o advogado Maurício Corrêa e o comerciante Valdomiro Slaviero).” Na presença do governador, uma surpresa. Os dois amigos

PIONEIROS

Só de ouvir falar na nova capital, o pioneiro decidiu que queria morar na cidade. Depois da inauguração, conseguiu ser transferido pelo Banco Nacional para cá e nunca mais saiu

AOS 84 ANOS, O PIONEIRO COM A NUMEROSA FAMÍLIA QUE CRIOU AQUI NA CIDADE



escolheram Doryval para assumir o cargo. “Nós decidimos que a melhor pessoa para ser o presidente é Doryval”, lembra.

A responsabilidade do cargo de presidente do Mobral o fazia sair do banco à tardinha e correr para a sede do movimento no Conic. “Eu antes passava em casa rapidinho e fazia um lanche.” Quando não estava nas salas de aula averiguando o funcionamento do programa, ele estava na rua instalando postos do Mobral. O programa também funcionava nas cidades-satélites. Só em Planaltina foram instaladas cinco salas de aula, que garantiam o aprendizado de centenas de analfabetos. “Havia gente de todas as classes sociais, de prostitutas a operários e até gente da alta sociedade”, conta o desbravador, que um dia recebeu na sala de aula uma mulher, esposa de um grande proprietário de hotel de Brasília.

Com a ajuda de estudantes secundários, professores e de muitos voluntários que saíam à procura de analfabetos, Doryval conseguiu reduzir para 4,6% o índice de analfabetismo no Dis-

“**HAVIA MUITA SOLIDARIEDADE ENTRE OS CANDANGOS NAQUELA ÉPOCA, E NÓS VIEMOS COM TANTA ESPERANÇA QUE SUPRÍAMOS TODAS AS DIFICULDADES**”

trito Federal, número considerado baixo. Depois de muita luta o pioneiro conseguiu colher os frutos de seu trabalho. “Brasília foi a primeira cidade do país a erradicar o analfabetismo naquela época,

cumprindo, assim, a meta do Mobral-DF”, afirmou o presidente do movimento que fazia de suas palestras uma forma de divulgar o programa.

A notícia correu o país por meio das matérias nos jornais, como, por exemplo, divulgada no *Correio Braziliense*. “Grande parte do êxito do Mobral em Brasília se deve ao esforço incansável das equipes de professores e coordenadores e ao apoio permanente das entidades, instituições, classes empresariais e da própria população em geral. Também a entrega de comando da luta a homens de larga experiência empresarial, como é o caso do professor Mário Henrique Simonsen, presidente do Mobral em todo o país, e de Doryval Borges, em Brasília, foi um fator altamente responsável pelo sucesso.” Para o pioneiro esta foi uma experiência maravilhosa e gratificante alfabetizar jovens e adultos que não sabiam ler e escrever. Doryval foi presidente do Mobral em Brasília durante quatro anos.

O aluno mais velho da Faculdade de Direito — ele tinha 54 anos na época — não esquece

também de sua luta para suspender o pagamento dos *jetons*, pagamento de horas extras, aos parlamentares da Câmara dos Deputados. “Os parlamentares que receberam *jetons* sem comparecer desrespeitaram a Constituição Federal, aceitando vantagens ilícitas e imorais previstas na mesma Constituição”, denunciava Doryval. A luta do advogado durou quatro anos. Depois de anos na mesa do juiz, a ação foi esquecida. “As mudanças na Câmara acabaram por cancelar os *jetons*”.

O autor de *Noturno Mineiro*, lançado em 1999, hoje aposentado pelo INSS, passa boa parte do tempo colecionando fatos de quando aqui chegou para escrever em seu livro de memórias, que ele não revela o nome. Em sua casa, no Park Way, denominada Vila Gandhi — porque recebeu a visita célebre da então primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi —, o escritor prepara outros dois livros que vai deixar para os herdeiros publicarem. Um de contos e outro de poesia. “É que hoje em dia está muito caro publicar um livro.”

Raio X

Nome: Doryval Borges de Souza
Idade: 84 anos
Origem: Jequié, Bahia
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Bancário e advogado (aposentado)
Esposa: Dulce (falecida)
Filhos: Aladino, Tereza, Leda, Paulo, Virgínia, Diva, Karina, Sheila, André Luiz, Flávio e Marcos Paulo
Netos: Roberta, Cristina, Andréia, Patrícia, Ricardo, Miriam, Beatriz, Suzana, Santuza, Juliana, Alexandre, Lúvia, Silvana, Stela, Edmilson Jr., Dorival, Paulo César, Marcelo, Luciano, Paula, Thais, Clara, André Felipe, Leonardo, Sheila e João Vitor
Bisnetos: Ana Beatriz, Gabriela, Mariana, Leonardo, Rodrigo, Diego, Camila, Pedro e Beatriz

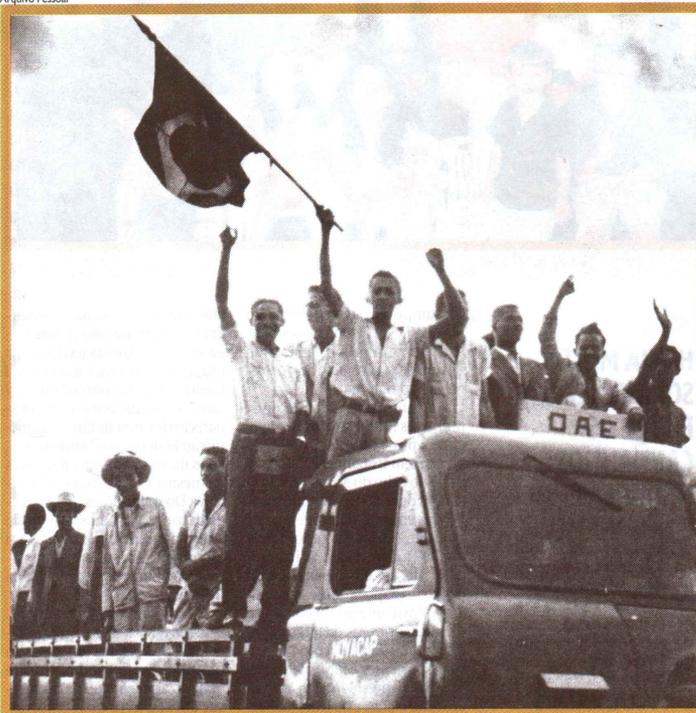


Herilda Balduino de Sousa

A vontade
convenc

Entusiasmo inesgotável pela vida em Brasília

Arquivo Pessoal



A FESTA DA
INAUGURAÇÃO,
PRINCIPALMENTE O
DESFILE DAS MÁQUINAS,
FOI INESQUECÍVEL PARA
HERILDA

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Brasília é a melhor loucura que poderia ter acontecido ao Brasil. Se acreditar nisso é loucura, então quero ser uma louca.” Esse inusitado argumento foi usado por Herilda Balduino de Sousa para convencer seu chefe no Departamento de Correios e Telégrafos (DCT) a transferi-la definitivamente de Belo Horizonte para a nova capital, recém-inaugurada. O ano era 1960 e o marido de Herilda, José Balduino Filho, já estava morando em Brasília há quase um ano e trabalhava com Israel Pinheiro na Novacap.

“Eu ficava entre as duas cidades, pois não podia abandonar o meu trabalho”, afirma Herilda, que nessa época já tinha três de seus quatro filhos e deixava as crianças com a mãe. O caçula, Gustavo, já nasceu em Brasília, no ano de 1962. “Tenho orgulho de ter um filho brasiliense, nascido no Hospital Distrital, que já contava com uma grande equipe de médicos e uma infra-estrutura muito apropriada”, diz a pioneira.

Herilda veio para Brasília por apostar no ideal político de que o desenvolvimento do país viria a partir da interiorização da cidade. “Mesmo antes de conhecer a nova capital eu brigava pela cidade. Sempre defendi a vinda da ca-

pital para o Centro-Oeste e não poderia deixar de participar dessa era histórica do Brasil”, conta a pioneira ao se definir como uma “entusiasta de Brasília”.

A primeira visita da pioneira à cidade foi marcada por um cenário descrito por ela como o de um sonho. “Cheguei de ônibus vindo

pelo Eixo e vi aqueles poucos prédios que já estavam construídos todos iluminados. Estava perplexa porque não conseguia comparar Brasília com nenhuma outra cidade que conhecia. Aqui havia prédios e não arranha-céus”, explica. No dia seguinte, um passeio só aumentou a admiração de Herilda pela cidade.

Outro momento que continua muito vivo na memória da pioneira é o do dia da inauguração da nova capital. Um marco na vida de Herilda e de muitos candangos e pioneiros que estavam por aqui. “O povo parecia hipnotizado, imantado

mesmo pelas palavras de Juscelino Kubitschek naquela noite, lembra, acrescentando que a festa popular misturava congressistas e o corpo diplomático aos trabalhadores. “Era realmente muito bonito ver toda aquela gente de casaca e as mulheres levantando a barra de seus vestidos longos por causa da lama da construção que ainda estava na Praça dos Três Poderes”, conta.

Uma lembrança mágica daquela noite para Herilda foi o desfile das máquinas de construção por toda a Esplanada dos Ministérios. “Meu filho, Paulo, tinha sete ou oito anos e ficou tão cansado que pedia para que nós não deixássemos ele dormir porque ele queria ver a festa até o fim”, afirma a pioneira, que contou com a ajuda de amigos para fazer com que Paulo assistisse ao desfile todo.

“Logo que consegui sua transferência para cá, Herilda foi morar na Cidade Livre, destino de muitos dos que chegaram aqui antes da inauguração. Trabalhando na agência do DCT na Esplanada dos Ministérios, não era fácil chegar ao local de trabalho. “As dificuldades existiam, mas as pessoas eram mais solidárias, davam caronas umas às outras e havia o transporte da Novacap, que quando podia nos levava”, afirma Herilda, que tem saudades

de de se juntar ao marido na nova capital foi tanta que a pioneira acabou por cer o chefe nos Correios a transferi-la para Brasília logo depois da inauguração

HERILDA, COM A FAMÍLIA: ORGULHO DA DECISÃO DE AJUDAR A CONSOLIDAR A CIDADE QUE ESCOLHEU PARA CRIAR OS FILHOS



daqueles tempos. “Brasília reunia gente de todos os níveis e todas as culturas do Brasil. Por isso, tinha tudo para se tornar uma cidade violenta, mas, pelo contrário, era raro um crime por aqui”, diz Herilda, acreditando que isso renderia estudos antropológicos e sociológicos.

Nova visão

Apesar de todas as dificuldades de morar na Cidade Livre, Herilda gosta de ressaltar o lado bom daquele local. “Era preciso entender que estávamos em uma cidade nova, que nos oferecia outra visão de coisas que já conhecíamos. O mercado e a feira da Cidade Livre eram verdadeiros pontos de encontro de várias culturas brasileiras”, diz.

Da Cidade Livre, Herilda foi morar na 409 Sul, em apartamento de dois quartos cedido pela Novacap ao seu marido. “Era um apartamento que cheirava a novo. Minha felicidade foi tanta que com o dinheiro das *dobradinhas* (salário dobrado pago aos funcionários que aceitavam vir para a cidade), que eu e meu marido recebíamos, pus sinteco no chão e comprei móveis novos”, conta. As *dobradinhas* — que na casa dela eram como se fossem *quadruplicadinhas* — ainda renderam uma geladeira antes do primeiro Natal na capital. Isso em um tempo que o eletrodoméstico era um sonho de consumo da classe média brasileira.

Depois da inauguração da cidade, o trabalho de Herilda no DCT aumentou bastante, pois havia, além das já costumeiras cartas de candangos com dinheiro para parentes de outros esta-

dos, a correspondência dos órgãos do governo federal e das embaixadas, que começavam a se instalar por aqui.

O principal problema desde início de Brasília eram as fimegeradas siglas dos endereços da cidade, que confundem a cabeça de muita gente até hoje. “Muitas correspondências voltavam porque os mensageiros simplesmente não decifravam os endereços. Mas o pior era quando eles escondiam os telegramas que não encontravam o endereço em pedras de construções. As pessoas chegavam com as cartas que tinham achado no meio da rua”, diverte-se Herilda. A solução encontrada foi organizar o primeiro concurso para mensageiros do DCT de Brasília.

O envolvimento de Herilda com seus colegas era tanto que ela ficou chamado de Instituto de Invasão de Apartamentos. Os funcionários dos Correios viram que estavam ficando sem moradia, muitos chegando a dormir em cima de malas pos-

“ ERA REALMENTE MUITO BONITO VER TODA AQUELA GENTE DE CASACA E AS MULHERES LEVANTANDO A BARRA DE SEUS VESTIDOS LONGOS POR CAUSA DA LAMA DA CONSTRUÇÃO QUE AINDA ESTAVA NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES ”

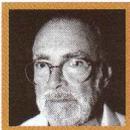
tais. Então, eles se uniram e resolveram invadir um prédio da 405 Sul que os funcionários do Banco do Brasil não queriam. A polícia não permitiu a ocupação dos apartamentos, mas o episódio serviu para chamar a atenção das autoridades para a questão deles, conta a pioneira. Outro momento de tensão foi quando, por causa da ditadura, Herilda se viu trabalhando na mira de espingardas. Inquieta, ela chegou ao ministro da Justiça para pedir — e conseguir — o fim dos interrogatórios dos funcionários dos Correios por parte da Polícia Federal.

Passado o terrível tempo da ditadura militar, em que Herilda ajudou como pôde os colegas dos Correios, a pioneira decidiu que estava na hora de mudar de emprego e se dedicar ao curso superior de Direito. Foi aprovada em concurso para o TCU, onde trabalhou por quase 30 anos até se aposentar. Mas não parar, é claro, pois até hoje ela está disposta a lutar pelos interesses da cidade de que tanto gosta e se orgulha.

Raio X

Nome: Herilda Balduino de Sousa
Origem: Patrocínio, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Advogada
Estado civil: Viúva de José Balduino Filho
Filhos: Paulo, Nádia, Mariângela e Gustavo
Netos: Alexander, Thiago, Felipe, Mateus, Raissa, Camila, Eduardo e Yoko.

PIONEIROS



José Maria Duarte

Uma cidade onde se trabalhava até 16 horas sem parar

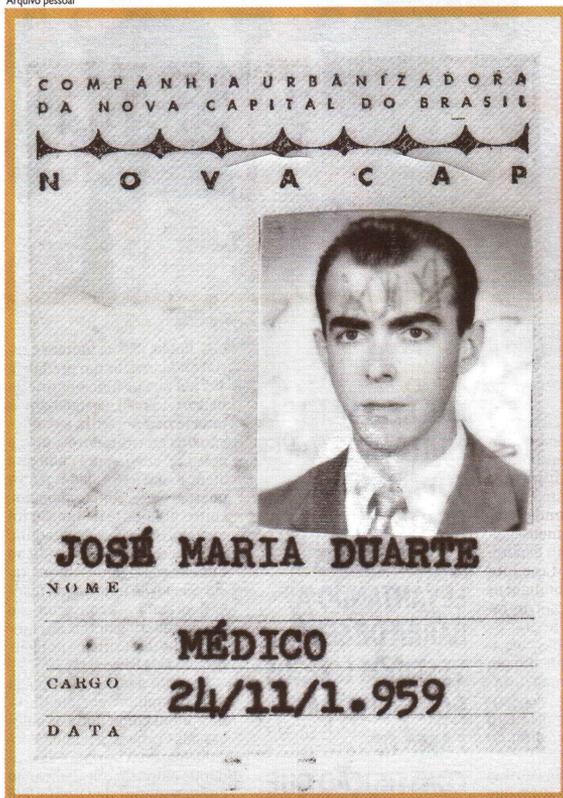
VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Depois de uma temporada especializando-se em Nova Orleans, nos EUA, o jovem psiquiatra José Maria Duarte estava de volta ao Brasil. Na cabeça dele, havia três cidades onde poderia seguir sua carreira: Maringá (estado do Paraná), Goiânia e Brasília. A opção desse jovem aventureiro foi talvez a que mais tenha surpreendido seus familiares e amigos. Dessa forma, no dia 7 de novembro de 1959, José Maria Duarte trazia sua mudança da cidade do Rio de Janeiro para a nova capital. "Senti logo o significado de Brasília para todo o país. Se era para começar uma vida nova, que fosse em uma cidade que também estivesse começando a vida. Minha mudança resumia-se a uma mala e eu nem tinha local certo para morar", afirma o pioneiro, que encontrou abrigo no acampamento do IAPI.

O primeiro passo para essa mudança na vida de José Maria Duarte foi dado ainda em 1958, quando ele serviu de intérprete para o presidente Juscelino Kubitschek em uma reunião de negócios com um comerciante norte-americano interessado em prestar serviços nas docas brasileiras. "Depois da reunião entre os dois, Juscelino me perguntou o que eu fazia em Nova Orleans. De cara eu respondi que era psiquiatra e queria muito vir clinicar

Arquivo pessoal



JOSÉ MARIA DUARTE CHEGOU À CIDADE COM ESPECIALIZAÇÃO EM PSIQUIATRIA, MAS NA BRASÍLIA DOS PRIMEIROS ANOS EXERCEU A FUNÇÃO DE MÉDICO CLÍNICO GERAL

ser entregues dentro do prazo certo", lembra.

Com os médicos não era diferente: também havia muito trabalho. No início, não tinha essa de especialidade. Os primeiros doutores a chegar na nova capital eram acima de tudo clínicos gerais. "Cheguei a atender todo tipo de emergência. Cansei de atender pacientes que não estavam doentes. O único problema deles era trabalhar mais de 16 horas por dia praticamente sem parar", comenta o psiquiatra, que foi um dos 32 médicos fundadores do Hospital Distrital, hoje Hospital de Base de Brasília. "Meu nome está logo abaixo de Ernesto Silva na placa comemorativa da inauguração", orgulha-se.

Tempos difíceis os primeiros anos do Hospital. "O trabalho era integral, e como não tínhamos telefone, a ambulância ia nos buscar em casa para os casos de mais urgência", lembra José Maria. O médico também se lembra de quando ia visitar seus pacientes em casas na W3 Sul — de jipe, naturalmente — e tinha que sair por outro caminho. "Muitas vezes estacionava o carro onde era para ser uma calçada e eu não sabia. Quando terminava a consulta, o meio fio já estava construído e eu tinha que dar a volta para não destruí-lo", explica o pioneiro.

Além do trabalho, a solidariedade encontrada na cidade chamou a atenção de José Maria.

em Brasília", conta José Maria.

O pedido foi prontamente aceito e, em menos de um ano, o jovem médico já participava da construção de Brasília, um dos

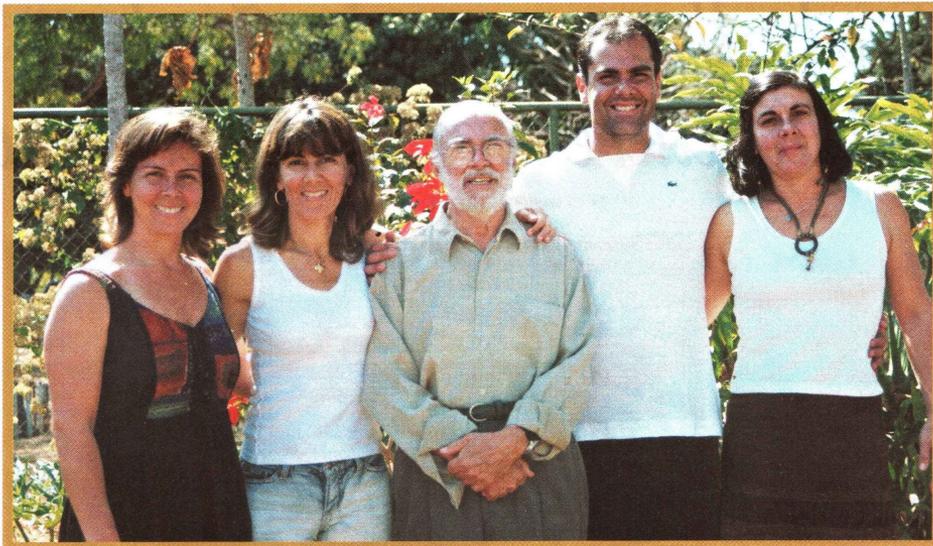
maiores orgulhos da vida dele. Logo na chegada, José Maria viu o que o esperava: um ambiente de muita solidariedade, mas também de muito trabalho. "A cons-

trução de Brasília derrubou o mito de que o brasileiro é preguiçoso, não gosta muito de trabalho. A cidade não parava um só minuto para que as obras pudessem

PIONEIROS

Ele se formou em medicina, fez especialização em psiquiatria nos EUA e decidiu começar vida nova em uma cidade que nascia e poderia proporcionar grande desenvolvimento

JOSÉ MARIA COM OS FILHOS, QUE NÃO PRETENDEM DEIXAR A CIDADE POR NADA DESTA MUNDO



“
ENTRE OS MÉDICOS PIONEIROS HAVIA O SEGUINTE CÓDIGO: SE A PESSOA NÃO ESTAVA EM CASA NEM NO TRABALHO, OU ESTAVA NO RESTAURANTE OU NO BRASÍLIA PALACE HOTEL. CASO CONTRÁRIO, ELA ESTAVA ERA VIAJANDO”

“No dia em que cheguei não conhecia ninguém, quando o Célio Menicucci (médico) e o Carlos Alberto Safe Carneiro (dentista) me deram uma carona em sua lambreta até o acampamento. Daí já ficamos amigos e fomos sempre jantar juntos no ‘Chevelli’”, conta José Maria Duarte, acrescentando que até hoje sente os reflexos daquela época e quase cai na tentação de dar carona a um estranho na rua.

O pioneiro lembra que o Chevelli era um dos restaurantes mais concorridos da Cidade Livre e que era um dos pontos de encontro entre os amigos. “Entre os médicos pioneiros havia o seguinte código: se a pessoa não estava em casa nem no trabalho, ou estava no restaurante ou no Brasília Palace Hotel. Caso contrário, ela estava era viajando”, conta, aos risos, José Duarte.

Depois do primeiro encontro, poucas foram as vezes que José Maria Duarte esteve com Juscelino Kubitschek. Uma delas foi no dia da inauguração de Brasília, festa à qual José Duarte assistiu

da boléia de um caminhão estacionado em plena Praça dos Três Poderes, em frente ao Supremo Tribunal Federal. “Aquele dia foi um marco na vida de todos que estavam aqui. Cada um de nós se sentia um pouco responsável pela cidade que estava sendo criada”, diz o pioneiro.

O segundo encontro já não foi tão amigável, pois José Maria esteve na liderança da primeira greve de médicos em Brasília. “Estávamos praticamente todos os médicos fundadores do Hospital Distrital no gabinete de Juscelino reivindicando apenas uma moradia fixa”, conta José Maria, que foi o interlocutor entre os colegas e o presidente e exigiu de Juscelino que ele assinasse a autorização para a doação de moradias. “O presidente assinou, viajou, mas nossas casas não saíram. Aí resolvemos entrar de greve. Com isso o problema foi resolvido com alguns telefonemas e logo estávamos de volta ao trabalho”, recorda o psiquiatra.

Em 1968, José Maria Duarte

deixou o Hospital Distrital e fundou o primeiro hospital psiquiátrico de Brasília, a Casa de Repouso São Judas Tadeu. Três anos depois, era a vez de fundar a Casa de Repouso Nossa Senhora de Fátima. Desde 1990, o local foi desativado e hoje é a moradia de José Maria Duarte, carinhosamente batizado pelos dez netos como “o sítio do vovô”.

Parece que participar da fundação de alguma cidade está mesmo é no sangue de José Maria Duarte. Seu pai era um português de mesmo nome que ele e que ajudou na construção de Presidente Venceslau, cidade do interior paulista onde o pioneiro nasceu. Mas ao que tudo indica a tradição pára nessa geração, pois os filhos de José Maria Duarte — todos nascidos aqui em Brasília — moram na cidade e, segundo o pioneiro, não saem daqui por nada. “Brasília é como um grude, um ímã, que conquista a todos que passam por aqui”, finaliza, transbordando de orgulho por fazer parte da história da capital brasileira.

Raio X

Nome:

José Maria Duarte

Idade:

74 anos

Origem:

Nasceu em Presidente Venceslau, mas veio para cá do Rio de Janeiro

Ano de chegada a Brasília:

1959

Profissão:

Médico psiquiatra

Estado civil:

Divorciado

Filhos:

Lúcia Maria, Sônia Maria, José Maria Duarte Neto e Ana Maria

Netos:

Jacqueline, Natasha, Pedro, Manoela, Fernanda, João Victor, Paula, Alexandre, Marcelo e Luiz Gustavo

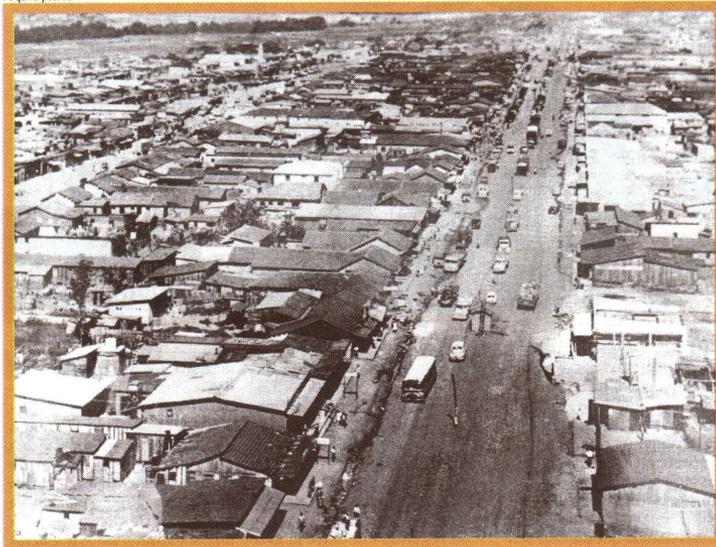
PIONEIROS



Olga Andrade Abrahão

Trabalho para criação de Ceilândia é lembrado com carinho

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

“A verdadeira amizade, o otimismo, a cooperação, a vontade de vencer era a magia que envolvia a construção de Brasília e fazia todos continuarem em frente, sem medo de se arrepender.” Com esta frase, Olga Andrade Abrahão tenta explicar por que, apesar das inúmeras dificuldades vividas aqui, nunca pensou em desistir de participar da construção da nova capital. Integrante de uma família de pioneiros, hoje, aos 63 anos, diverte-se com as histórias vividas nos primeiros anos do Distrito Federal e orgulha-se ao ver o desenvolvimento da cidade que ajudou a nascer.

Com o pai, Waldemar Fernandes de Andrade, o tio João Fernandes Filho (falecido), que recebeu das mãos de JK a medalha de Candango Pioneiro, e a irmã Schyrley Fernandes de Andrade (falecida), Olga chegou aqui em outubro de 1956, quase quatro anos antes da inauguração de Brasília. Viu não só o início da construção do Distrito Federal, mas o nascimento da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) e seu comércio, que aos poucos surgia para atender aos primeiros candangos que aqui chegavam.

A Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) acabara de ser inaugurada, em setembro de 1956. Amigo próximo de Juscelino Kubitschek, o enge-

nhiero Israel Pinheiro presidiria o órgão. Para auxiliá-lo na empreitada, convidou João Fernandes, tio de Olga, para assumir a função de chefe da Divisão do Material da Novacap. Os dois trabalhavam juntos no Rio de Janeiro, na empresa Arco Artusi, responsável por grandes obras como o Estádio do Maracanã e a Via Dutra.

Ajuda a distância

Até 1960, Olga, a irmã e o pai trabalharam em um escritório que a Novacap montou em Anápolis (GO). O pai de Olga era responsável pelo recebimento do material encomendado para a construção da cidade e o envio para

Brasília. Anápolis era ponto estratégico por causa da rede ferroviária que dispunha. Tudo chegava pela estrada de ferro: madeira, ferro, cimento, asfalto, alcatrão, gêneros alimentícios e as estruturas metálicas importadas da Inglaterra, que foram utilizadas na construção dos Ministérios e outros prédios.

Em Anápolis, o pai de Olga havia contratado um guindaste e uma frota de caminhões para o carregamento e transporte do material que chegava de diversas origens. A estrada para Brasília não era pavimentada, dificultando e prolongando o trajeto que hoje é feito em duas horas para

até dois dias de viagem.

Trabalhando com o pai na empreitada, Olga viajava uma vez por semana para a Cidade Livre. “O único meio de chegar aqui era pegando carona com os caminhões de transporte dos materiais ou alguém que estivesse vindo para cá”, conta. “Lembro-me que meu pai, certa vez, teve a honra de pegar carona com Bernardo Sayão”, completa.

Em Brasília, a mineira costumava ficar hospedada em pensionatos. Lembrando-se do aspecto da cidade, compara o lugar com um floresta de cinema norte-americano. “Poeria, tratores, materiais de construção,

ANTES DA MUDANÇA DEFINITIVA PARA BRASÍLIA, ERA NA CIDADE LIVRE QUE OLGA RESOLVIA OS PROBLEMAS DE ENTREGA DE MATERIAL PARA A CONSTRUÇÃO

construções de madeira e homens trabalhando era só o que se via naqueles tempos”, conta. Por causa da precariedade das condições de vida ali, tudo era muito caro. Um copo de água, por exemplo, nunca era dado, mas vendido por dez cruzeiros.

Elefante no cerrado

Numa dessas viagens, Olga ficou acomodada em uma casa na Velhacap (nome dado às primeiras barracas de lona e construções de madeira do acampamento da Novacap), no lugar onde apelidaram de as dez mais. Chamava-se assim porque ali estavam as dez melhores construções de madeiras, feitas para abrigar os chefes de departamento da Novacap.

De manhã, após lavar o rosto no tanque, instalado no meio do Cerrado, Olga olhou para o horizonte e avistou um elefante. Assustou-se com a visão. Passado o susto, foi informada pela dona da casa de que se tratava da Néli, uma elefanta presenteadada a JK para ser o primeiro espécime do Jardim Zoológico.

O episódio da Néli faz a mineira recordar-se de outro “causo”. Na época, falava-se que JK havia recebido uma visita do jornalista Assis Chateaubriand. No encontro, Chateaubriand localizou no projeto da nova capital o local onde seria montado o zoológico e terminou revelando ao presidente que possuía uma coleção de

PIONEIROS

Desde 1956, Olga trabalhava para a implantação da nova capital, em Anápolis, com o pai. Era responsável pelo recebimento e envio do material que chegava para a construção de Brasília

NA FOTO, OLGA ENTRE O MARIDO E O PAI (PIONEIRO COMO ELA), NA COMPANHIA DOS FILHOS E DA IRMÃ



“SAÍA DE CASA ÀS 5H30 E IA A PÉ PELO CERRADO ATÉ A 508 SUL, ONDE ESTAVA O ESCRITÓRIO. MINHAS MÃOS FICAVAM TÃO GELADAS DO FRIO DA RUA QUE ERA PRECISO ESFREGÁ-LAS VÁRIAS VEZES ANTES DE COMEÇAR A TRABALHAR”

colibris e beija-flores e que o presentearia com alguns pássaros.

Supersticioso, JK não queria que o primeiro habitante do zoológico fosse uma pequena ave. Assim, mandou providenciar com urgência a compra de um elefante. Na mesma época, um laboratório acabara de fazer propaganda pelo Brasil com a elefanta Néli para demonstrar a potência do inseticida Detefon. Sabendo do interesse do presidente, a empresa presentou-o com o animal.

Olga mudou-se para Brasília antes do pai. Sozinha, veio para cá definitivamente em 1960, para trabalhar no Departamento Imobiliário (DI) da Novacap. Nos primeiros dias, foi alojada em um quarto da casa de um primo, na quadra 34 (hoje 712 Sul) do Plano Piloto. Poucos dias depois, mudou-se para o pensionato Nossa Senhora do Carmo, uma construção de madeira que ficava ali perto.

O escritório no DI não era fácil. Olga era uma das responsáveis por comercializar os lotes de Brasília que a Novacap tentava vender. O

preço dos terrenos não era caro, mas era preciso implorar para as pessoas comprarem, pois muita gente não acreditava na consolidação de Brasília. Os recibos eram preenchidos por funcionários como Olga numa máquina Remington até de madrugada. Era comum começar a trabalhar às 8h e só parar à 1h da manhã seguinte.

“Saía de casa às 5h30 e ia a pé pelo cerrado até a 508 Sul, onde estava o escritório”, lembra. “Minhas mãos ficavam tão geladas do frio da rua que era preciso esfregá-las várias vezes antes de começar a trabalhar”, completa.

Ceilândia

Em 1971, Olga foi convidada a trabalhar no gabinete do governador do Distrito Federal, Hélio Prates, como assistente da primeira-dama, Vera Prates, na Campanha de Erradicação de Invasões — CEI, que mais tarde tornou-se a Ceilândia. Olga considera este trabalho como o melhor já realizado em sua vida profissional.

“Brasília inteira foi chamada a participar do projeto e compare-

ceu, fazendo a cidade ser o que é hoje”, diz. A topografia dos lotes no local onde a cidade seria instalada foi feita por estudantes e professores da Universidade de Brasília (UnB). A Secretaria de Serviços Sociais, onde Olga trabalhava, ficou encarregada de cadastrar as famílias que seriam atendidas e distribuir os terrenos conforme o perfil de cada uma (número de pessoas, ocupação do responsável, tempo de moradia em Brasília e renda mensal).

Enquanto isso, caminhões percorriam o Plano Piloto em busca de doações para a campanha. Quando alguma empresa doava carros, por exemplo, a Secretaria rifava o bem e usava o dinheiro para a compra de materiais de construção. A mesma coisa era feita com as jóias e outros objetos doados.

As construções eram em sistema de mutirão e todos os moradores se ajudavam mutuamente. O comércio doava verduras, frutas e outros gêneros alimentícios, e as refeições eram feitas por dois presos do núcleo de custódia local,

que posteriormente foram libertados pelo belo trabalho executado junto às primeiras famílias habitantes da Ceilândia.

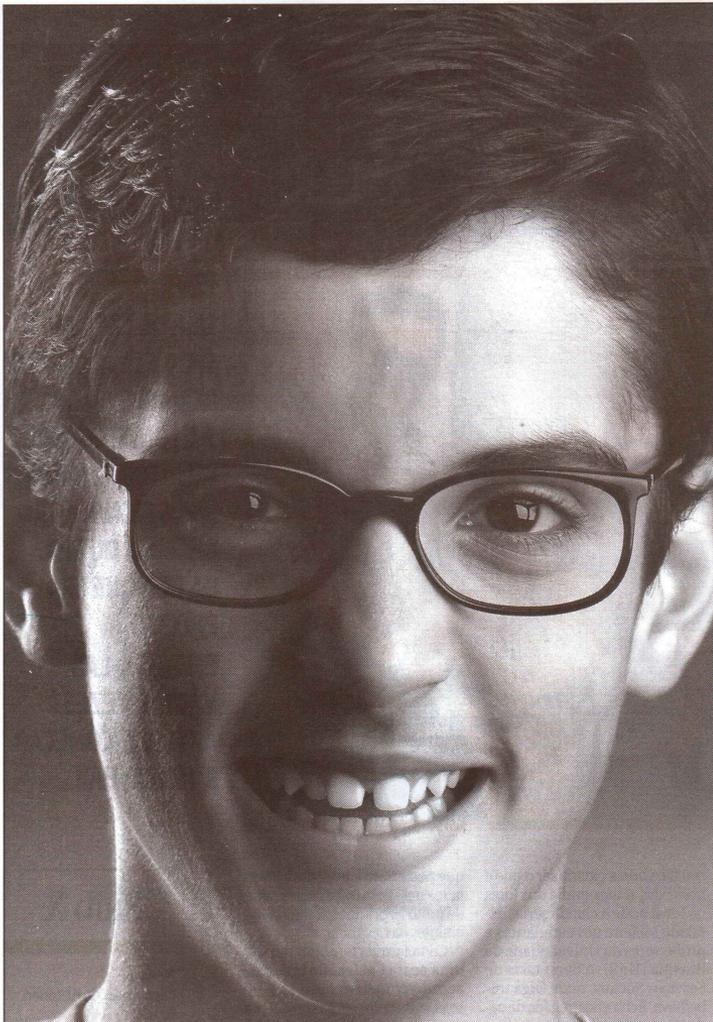
Cada família também recebia uma cesta básica, formada de acordo com o número de pessoas, e as mulheres passavam por uma triagem médica de prevenção de doenças e orientação de saúde básica. Os homens e mulheres desempregados eram encaminhados para cursos profissionalizantes, de marcenaria, construção, costura etc.

Os assistentes sociais que trabalhavam na campanha entregavam relatórios semanais das atividades realizadas à secretaria. Olga organizava tudo e redigia um relatório mensal para a primeira-dama. O trabalho durou dois anos e deu origem a uma das cidades mais desenvolvidas do DF.

Em 1965, Olga casou com o paulista Neil Dias Abrahão, outro pioneiro que trabalhava no gabinete do presidente da Novacap. O casamento foi realizado na capela do pensionato em que Olga morava.

Raio X

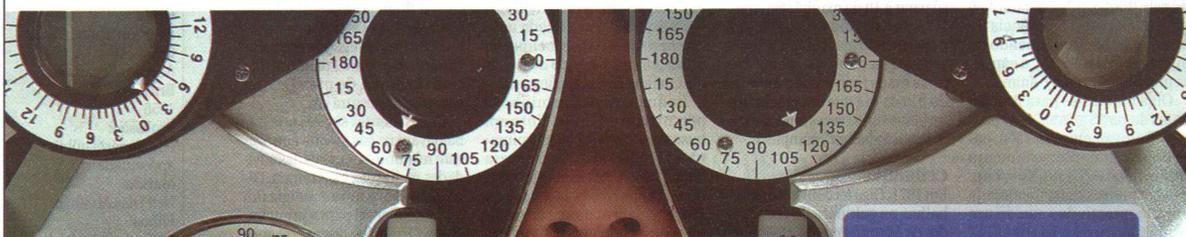
Nome: Olga Andrade Abrahão
Idade: 63 anos
Origem: Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1956
Profissão: Funcionária pública aposentada
Marido: Neil Dias Abrahão
Filhos: André Luiz Andrade Abrahão e Lilliam Andrade Abrahão.
Títulos: É filha do pioneiro Waldemar Fernandes de Andrade e sobrinha do *Candango Pioneiro* João Fernandes Filho



O PROBLEMA DO FELIPE NÃO ERA INTERPRETAR O TEXTO, ERA ENXERGÁ-LO.

PROGRAMA BOA VISÃO.

AValiação completa da saúde ocular. Tratamento e distribuição de óculos para quem precisa.



Os pais do Felipe não entendiam por que ele ia mal no colégio. Achavam que era dificuldade de aprender, falta de empenho, excesso de brincadeira e tudo. Só não imaginaram que o problema do Felipe era miopia. Quem descobriu foi o pessoal do **Boa Visão**. Um programa do GDF que aplica teste de acuidade visual, avalia a saúde

ocular, faz cirurgias e distribui, gratuitamente, óculos àqueles que precisam. Somente este ano foram realizadas 3.000 cirurgias oculares e distribuídos cerca de 1.000 óculos, atendendo mais de 100.000 pessoas de todas as faixas etárias no DF. Uma delas foi o Felipe, que hoje tem melhor desempenho na sala de aula.

